

COMO CONCEBER E ESPERAR QUE SE REALISE NA TERRA A UNANIMIZAÇÃO HUMANA ? ¹

Que espectáculo desencorajador, a massa humana dispersa!... Um formigueiro agitado de elementos de que (apesar de certos casos limites de afinidade profunda: a família, a equipa, a pátria) a propriedade mais visível parece ser – tanto de indivíduo a indivíduo, como de grupo a grupo – a repulsão recíproca ...

E, contudo, no fundo dos nossos espíritos e dos nossos corações, a convicção de que poderia ser de outro modo, a certeza de que um tal caos, uma tal desordem, são, afinal, *contra natura*, na medida em que impedem a realização, ou retardam a aparição, dum ordenação que multiplicaria, ao infinito, as potências humanas de pensar, de sentir e de agir!

Verdadeiramente, é a situação desesperada? Ou, pelo contrário, não poderemos reconhecer, por alguns índices positivos e apesar de aparências contraditórias, que a Humanidade, no seu todo, é, não só unanimizável, mas que está em vias de uma real unanimização? Noutros termos, o que domina serão as forças de repulsão que, no seu conjunto, como eu dizia, parecem irremediavelmente opor-se a uma harmonização humana de conjunto? Não haverá já, por acaso, definíveis e sensíveis à experiência, certas energias planetárias em jogo que, invencivelmente, tendam a aproximar e a organizar entre si (por mais incrível que possa parecer) a multidude estonteante dos milhares de milhões de consciências pensantes formando a «camada reflexiva» da Terra?

Que tais energias efectivamente existem, eis o que aqui eu queria fazer ver.

Energias de compressão, primeiramente, conduzindo, por efeito de determinismos externos e internos, a um primeiro grau de unificação *forçada*.

Em seguida, energias de atracção, contribuindo, por acção de afinidades internas, a uma verdadeira unanimização *livre e consentida*.

Descrevamos sucessivamente estas duas formas de operação, de tal modo universalmente disseminadas na atmosfera humana que nos rodeia, que corremos o risco de, muitas vezes, tal como o ar e a luz, já nem as sentir, mas, tão envolventes e próximas, no entanto, que nenhum gesto nosso poderia escapar-lhes.

I. UNIFICAÇÃO FORÇADA OU DE COMPRESSÃO, CURVATURA GEOGRÁFICA E MENTAL

a) *Curvatura geográfica*

Falando biologicamente, o grupo zoológico humano desenvolve-se sobre uma superfície fechada, ou, mais exactamente (visto que a população mundial, chegada à quase saturação dos continentes, longe de ficar estacionária, não faz outra coisa senão estender-se e multiplicar-se cada vez mais) comporta-se como se crescesse sobre uma Terra em vias de retraimento contínuo, donde resulta submeter-se a uma compressão sempre mais violenta sobre si mesmo.

A primeira consequência desta compressão étnica formidável é, evidentemente, a aproximação invencível entre os corpos. Ora, esta mesma densificação do tecido humano, por mais material que seja na sua origem, tem consequências profundas nos espíritos. Porque, para responder vitalmente, «confortavelmente», à pressão que aumenta em seu redor – para sobreviver e bem viver –, a multidude dos seres pensantes reage naturalmente *organizando-se* económica e tecnicamente o melhor possível entre si. O que a obriga, automaticamente, a *inventar* esquemas sempre novos de ferramentas mecânicas e de organização social. Dito doutra maneira, à força de *reflectir*, o que, finalmente, a conduz a *reflectir* num grau mais acima de si própria, ou seja, a sobre-desenvolver aquilo que, nela, é o mais humano, especifica e superiormente.

Fenómeno profundamente instrutivo e misterioso: pelo jogo brutal da compressão planetária, a massa humana aquece e ilumina-se espiritualmente, sendo que este aquecimento (pelo qual se

¹ Teilhard de Chardin, Paris, 18.01.1950, tomo 5 OC – *O FUTURO DA HUMANIDADE* – trad. A. Paixão

dilatam os raios de interacção individual) tem por efeito fazer aumentar, por ricochete, a compressão que lhe deu origem... E assim sucessivamente, em cadeia cada vez mais acelerada.

Deste modo, um primeiro princípio irresistível de agrupamento, incidindo até à inteligência, sobrepe-se quase mecanicamente às tendências egoístas e de repulsão dos indivíduos dentro da humanidade.

Mas, não é tudo, porque, a este primeiro efeito de compressão geográfica, não tardará a sobrepor-se um segundo, de estreitamento, devido, desta vez, à entrada em jogo duma curvatura, já não geométrica, mas *mental*, como passarei agora a explicar.

b) *Curvatura mental*

Seguindo a cadeia «humanizante» que acabamos de revelar e descrever, o espírito, aparecido primeiramente como «meio» de fazer face e resistir à compressão planetária, não tarda a transformar-se automaticamente em «razão» de existir. Pensar para sobreviver, desde logo, viver para pensar, de seguida: assim se descobre a lei fundamental da antropogénese. Ora, uma vez desencadeado, o jogo do Pensamento manifesta um extraordinário poder de se prolongar e estender, à maneira dum organismo que, uma vez nascido, nada poderá impedir de crescer, de propagar-se e de tudo envolver na sua rede. Nada – toda a História aí está para o provar –, nada, alguma vez, pôde impedir uma ideia de alargar, de se comunicar e, finalmente, de se universalizar. Assim se encontra constituído, por natureza, o meio psíquico de reflexão em que estamos banhados, de tal forma que não podemos permanecer nele sem avançar; e não podemos avançar nele sem nos aproximarmos ombro a ombro uns dos outros. Como se todos os impulsos individuais na direcção duma maior verdade jorrassem do interior duma «cúpula» mental fechada, cujas paredes aproximassem as nossas inteligências, inexoravelmente!

Uma coalescência forçada de todo o Reflectido sobre si mesmo...

Acima da escandalosa e caótica dispersão humana de que sofremos, não será a aparição, cada vez mais evidente, deste poder de auto-unificação no seio das energias psíquicas, libertadas pelo desempenho técnico-social da Terra, uma garantia de que, no nosso Universo, são as forças de totalização que, mas tarde ou mais cedo, devem ganhar sobre as forças de desagregação?...

Sim, sem dúvida. Mas sob uma condição, contudo: que, pelo esforço dos poderes económicas e das evidências intelectuais conjuradas para fazer saltar as barreiras por trás das quais se refugia a nosso egoísmo, acabe por emergir o sentido – só completamente unanimizante – duma mesma aspiração de fundo!

II. UNIFICAÇÃO LIVRE OU DE ATRACÇÃO – UM PONTO DE CONVERGÊNCIA UNIVERSAL NO HORIZONTE

Por mais constrangidos (geográfica e psiquicamente) que estejam os Homens a viver e a pensar estreitamente juntos, não é forçoso que «simpatizem» cada vez mais uns com os outros. Longe disso. Os dois maiores sábios do mundo, ambos dedicados devotadamente à conquista dum mesmo problema, poderiam perfeitamente detestarem-se cordialmente. Não é esse, desde sempre, um curioso e triste facto da experiência? Desta disjunção de cabeça e de coração, forçoso será concluir que, por muito que seja acossada contra vontade para a unidade, a massa humana, por necessidade de Social e de Lógica, unificar-se-á de facto até ao fim tão somente sob a influência de qualquer energia *afectiva*, capaz de colocar as partículas humanas na feliz necessidade de não poder amar-se e completar-se cada uma delas a não ser na condição de amar e completar, em qualquer grau, todas as outras; isto, na medida em que todas fazem igualmente parte integrante dum só e mesmo Universo vitalmente *convergente*. O *pull*, quer dizer a atracção, nascendo do impulso, isto é, do *push* ... Teremos nós uma razão, objectivamente válida, para diagnosticar, no seio da crise político-social actual, a possibilidade ou mesmo os primeiros sintomas deste benaventurado estado?

Sim, parece-me. Vejamos porquê.

Se procurarmos definir o resultado principal, o «resultado número um», da inelutável unificação científica das nossas inteligências no decurso do século passado², depressa nos apercebemos que esse ganho consiste bem menos na nossa manipulação de alguma das alavancas do Universo do que no despertar geral das nossas consciências para a enorme e extrema organicidade desse Universo, considerado nas suas forças internas de desenvolvimento. Cada vez mais claramente, por todas as vias do conhecimento, nós nos descobrimos solidariamente empenhados num processo (Cosmogénese culminando em Antropogénese), de que, obscuramente, depende a nossa completude, ou, se podemos dizer, a nossa beatificação. A evidência crescente de que a finalidade de cada um de nós (do ultra-ego de cada um, diria) coincide com algum termo comum da Evolução (com algum Super-Ego comum)... Mas não está aí, justamente, o princípio universal de atracção que nós postulávamos e evocávamos mais acima para dar coerência interior, unanimizar até ao cerne, os corações rebeldes das nossas individualidades?

Desta forma, sobrepondo-se à dupla acção de estreitamento daquilo a que chamei a curvatura geométrica e a curvatura mental da Terra humana – sobrepondo-se a elas e *emanando delas* –, eis uma nova e última influência aproximativa que entra em linha para controlar os movimentos da «Noosfera»: a saber, a dum destino supremamente atractor, o mesmo para todos simultaneamente. Comunidade complexa de desejos: ou seja, terceira potência, tão planetária nas suas dimensões como as duas primeiras, ainda que não operando, desta vez (por mais irresistível que seja), senão sob a forma duma sedução, o que quer dizer, através dum consentimento livremente acordado.

Seria evidentemente prematuro afirmar que uma tal disposição aja muito explicitamente à nossa volta sobre a marcha dos acontecimentos políticos e sociais. E, contudo, sob a escalada das democracias e dos totalitarismos que se sucedem desde há cento e cinquenta anos na história do mundo, não será o *Sentido da Espécie* que, depois de ter parecido, por momentos, desvanecer nas profundezas do nosso coração, volatilizado de alguma maneira pela emergência da Reflexão, – não é, pergunto, o Sentido da Espécie que, acima de todo o individualismo reprimido, retoma pouco a pouco o seu lugar e direitos? O Sentido da Espécie, quero eu dizer, à grande e nova maneira humana: já não, como outrora, o caule que busca simplesmente prolongar-se até dar fruto, mas o próprio fruto que se concentra e cresce sobre si, esperando a maturação.

A esta maturação da Espécie, bem entendido, se quisermos que a sua esperança e aproximação animem e unanimizem verdadeiramente os nossos corações, é necessário que nós emprestemos alguns atributos concretos. E é aqui que as opiniões se dividem.

Segundo uns (solução de tipo «marxista»), bastaria, para estimular e polarizar as moléculas humanas, fazer-lhes entrever, no termo da Antropogénese, o acesso a um certo estado de reflexão e de simpatia *colectivas*, de que cada uma beneficiaria *por participação*: abóboda de pensamentos escorados, circuito fechado de ligações, em que cada indivíduo humano encontraria, intelectual e afectivamente, a sua plenitude, na medida em que fizesse corpo com o sistema inteiro.

Segundo outros (solução de tipo «cristão»), finalmente, apenas a aparição, no cume e no coração do mundo unificado, de um Centro autónomo de congregação é capaz de suscitar, de manter e de desencadear a fundo, no seio da massa humana ainda dissociada, as forças expectáveis de unanimização. Só, com efeito, afirmam os defensores desta segunda hipótese, só um verdadeiro *super-amor* (quer dizer, só a atracção duma verdadeira «super-pessoa») pode, de necessidade psicológica, dominar, captar e sintetizar a multidão dos outros amores da Terra. Sem a existência de um tal foco (não metafórico ou virtual, mas real) de convergência universal, não haverá coerência possível para a Humanidade totalizada e, por conseguinte, nenhuma consistência. Dum mundo culminando no Impessoal não seria possível descer sobre nós nem calor da atracção nem esperança de irreversibilidade (imortalidade), sem os quais o nosso egoísmo terá sempre a última palavra. É preciso um verdadeiro *Ego* no cume do Mundo para consumir, sem os confundir, todos os *egos* elementares da Terra... Falei acima de «ponto de vista cristão». Mas a ideia faz também o seu caminho noutro lado. Não foi Camus quem escreveu, em *Sisyphé*, que, «se o Homem reconhecesse que o Universo pode amar, ele seria reconciliado»? E não foi Wells quem exprimiu, pela boca do seu intérprete, o biólogo

² Século XIX (NT)

humanitário Steele (*Anatomy of Frustration*), a nostalgia de encontrar, acima e para lá do Humano, um qualquer «universal Lover»?

Resumindo e concluindo.

Essencialmente, à nossa volta, sob a dupla e irresistível opressão dum Planeta que se contrai a olhos vistos e dum pensamento que se adensa cada vez mais rapidamente sobre si, a poeira das unidades humanas encontra-se submetida a uma formidável pressão de congregação, – força de ordem muito superior às repulsões individuais ou nacionais que tanto nos amedrontam.

E, contudo, apesar deste torniquete que se aperta, nada parece definitivamente capaz de nos fazer cair no âmbito natural das nossas afinidades humanas senão a aparição de um qualquer campo poderoso de atracção interna, no seio do qual nós nos encontremos todos capturados *pelo interno*.

Dum tal campo de unanimização interior, um renascimento do «Sentido da Espécie» – renascimento tornado quase inevitável pela fase de socialização compressiva e totalizante em que acabamos de entrar – fornece um primeiro índice e uma primeira aproximação.

Porém, por mais eficaz que se revele, apesar da sua pouca idade, esta fé recém-aparecida do Homem num qualquer Ultra-humano, não parece que o seu *elan* na direcção de *Alguma Coisa* para diante possa completar-se sem se combinar com uma outra aspiração, mais fundamental ainda, esta vinda do alto e de um *Alguém*.